

NORTE DA PRODUÇÃO CULTURAL NA REGIÃO NORTE: MÚSICA E LITERATURA

Rubens Vaz Cavalcante (Universidade Federal de Rondônia)

Tudo indica que na cena contemporânea existe um lugar reservado ao “regionalismo”, já distanciado do conceito modernista, que o tornou referência ao romance social nordestino e das conotações telúricas com que a literatura e a música lhe adornaram nas últimas décadas. Sim, esse lugar existe e, aparentemente, sem nenhum conflito. Em igual medida que existe lugar para as múltiplas tendências estéticas que nos visitam em tempos de produções multimodais, informatizadas ou não, e também de retorno às origens próximas e distantes das respectivas raízes. Estamos num procedimento de globalização e de mundialização, só para lembrar Walter Mignolo, que permite o local contracenar com o global de forma diferenciada: civilização e/ou barbárie. Intuímos que neste caso estamos mais sob os efeitos da mundialização cultural, em que “as histórias locais importam e transformam projetos globais”, que dos efeitos da globalização, em que “as histórias locais projetam e exportam projetos globais” (MIGNOLO, 2003, p. 376). Esta afirmativa não tem pretensão de simplificar a questão, mas sim de eleger uma visada que permita localizar a produção cultural do estado, mais especificamente da capital, Porto Velho, no cenário contemporâneo que nos cerca e cerceia, elegendo a música e a literatura como campo de visão para este plano de vôo improvisado.

Reiterando a opção pelos conceitos de mundialização e de cultura, em que *mundialización e cultura*, à luz de Renato Ortiz e de Edouard Glissant, revisitados por Mignolo, são “as histórias locais nas quais se encenam os projetos globais, ou onde têm de ser adaptados, adotados, transformados e rearticulados” (MIGNOLO, 2003, p. 376), apresento-vos as hipóteses das quais estou partindo.

Com relação à música, a hipótese é a seguinte: somos frutos de influências e confluências das culturas mundiais que por aqui aportaram, desde as mais cosmopolitas até as mais provincianas, as quais nós adaptamos, adotamos, transformamos e rearticulamos para que pudéssemos encená-las. Ainda agora, em pleno século XXI,

importamos os modelos globalizantes para, partindo do que está posto, projetarmos a identidade e o espaço que tanto almejamos.

Com relação à literatura, a hipótese é a seguinte: a nossa produção importou não só os modelos ocidentais circulantes com aderiu as novas formas de produção e veiculação permitidas pelos avanços tecnológicos ligados à teoria da comunicação e da informatização. Falamos de flora, de fauna e de urbanidade com a mesma opção de suportes e interfaces tecnológicos que o resto do mundo emprega. Na música como na literatura somos, como afirma a letra da canção, “O tambor da tribo/ batendo na lata”.

i. A música feita em Porto Velho

Nossa tradição musical remonta ao início do século passado, momento em que a construção da Estrada Ferro Madeira Mamoré agenciou um fluxo migratório internacional e multirracial: o *jazz*, o *blues*, o samba, o choro, o bolero, o tango, o batuque e os ritmos nordestinos invadiram nossa realidade de caboclos beiradeiros e encheram de sons e ritmos as ruas e casas da cidade então ainda em formação. Sempre tivemos vocação para de Babel: somos multiculturais e diversificados por natureza. Temos em nossa composição tendências afro-europeias e indígenas que não podemos negar.

Historicamente, nosso mais antigo e conhecido registro musical, o vinil do Guajaramirense Walter Bártolo, intitulado *O desconhecido*, com o subtítulo de “Uma voz da Amazônia cantando para o Brasil”, foi gravado somente na década de 60, no Rio de Janeiro, e é composto de sambas, canções e baladas com temáticas que vão do cotidiano do homem amazônico às questões existenciais do Brasil de então. De lá para cá, ocorreram esporádicas gravações nas décadas de 70 e 80, intensificando-se a partir do final desta última, com o surgimento dos estúdios caseiros que permitiam ao bolso e ao horizonte dos compositores locais a tão sonhada gravação de uma fita demo para ir tentar a sorte no sul maravilha. Quase sem exceção, todos voltavam com o vinil debaixo do braço, feito às próprias custas, e com o sonho de sucesso adiado para um porvir duvidoso. Mesmo durante essas intempéries de mercado e de divulgação, nossos compositores permaneceram produtivos.

Com o advento das gravações digitais, veiculadas em CD e DVD, a partir da década de 90, o número de produções e de artistas teve um sensível aumento de quantidade e qualidade, mas ainda inexpressivo diante da produção de outras regiões brasileiras e de alguns estados da Amazônia. Dois desses trabalhos são considerados marcos de uma nova estação na música local: as coletâneas *Porto das Esperanças* (vinil) e *Amazônia em Canto* (CD), fruto dos artistas então atuantes na cena portovelhense, apoiados pelos músicos arregimentados em torno da Escola Municipal de Música Jorge Andrade. Alguns movimentos culturais como o **Grito de Cantadores**, que culminou na criação do *Laboratório Musical Harmonia*, apoiado pelo SESC, e o projeto **Cinco e meia**, idealizado pelo movimento Cabeça de Nego, cada um a sua maneira, foram fundamentais para a divulgação de trabalhos de artistas locais e para que compositores e intérpretes vindos de outros brasis somassem na construção de uma música não necessariamente local ou regional, mas uma música que, de algum modo, nos identificasse.

Algumas instituições, a exemplo do SESC, da PMPV e do Banco da Amazônia, tornaram e tornam possível a publicação de vários registros dos autores locais. Discos como *Aldeia dos sons*, do cantor, compositor, e instrumentista Bado; *Isca arisca*, do poeta, cantador e violeiro Binho; *Cordas e barros*, de Ceíça Farias; *Naiá*, de Elisa Cristina; *K pra nós*, do cantor e compositor Zezinho Maranhão, *Soda acústica*, da banda homônima, *O poeta da cidade*, de Ernesto Melo, *Correnteza*, do Quilomboclada, entre outros, tiveram o patrocínio de instituições privadas ou públicas. Alguns trabalhos, como CD *Voz interior*, de Augusto Silveira, o *Caixa de silêncio*, do poeta Carlos Moreira e do cantador Gláucio Giordano e *Planeta Beradelia*, do grupo Beradelia, são exemplo da iniciativa particular e alternativa de vários autores que frequentam a cena atual.

No que diz respeito à regionalidade dessas obras, pode-se afirmar que se existe algum traço regionalista é nas letras que cantam a paisagem natural e humana da região ou na simples questão geográfica de se estar fazendo música em Rondônia. É o que se constata nas letras de uma fatia significativa das produções cantadas. Na música instrumental, o CD *Suíte amazônica*, do pianista Gabriel Cursino Madeira Casara, nascido em Belo Horizonte e criado em Porto Velho, embora simule uma ambientação

de rios e matas, está claramente filiado à música erudita e à música instrumental brasileira contemporânea. As referências de música regional em Porto Velho vêm dos ritmos nordestinos (baião, forró, xote, xaxado etc.) e dos ritmos nortistas (carimbó, sirimbó, marabaixo, siriá), manifestações de gêneros musicais que herdamos de outras culturas e adequamos à nossa. O boi-bumbá, herança ora lusitana e ora andina, teve sua música transformada em cultura de exportação e é um caso à parte de globalização. Guajará-Mirim é o nosso correlato de Parintins. A quadrilha, evento junino em todo norte e nordeste, nos nossos festejos ganhou uma conotação que desqualifica a tradição popular de sua música, engolida pela globalização dos grandes arraiais, sem ter com isso algum ganho.

Os demais municípios do estado, com raríssimas exceções, passam por um processo massificado de influência da música sertaneja, nas suas versões mais pop, como o sertanejo universitário, e de outras músicas de apelo popular como o axé, o tecnobrega e o pagode.

No presente, produzimos e divulgamos como podemos, nem sempre de forma funcional, músicas que servem aos propósitos da globalização e da mundialização, o que, de modo algum, nos coloca em pé de igualdade, no mercado dos produtos culturais, com outras culturas musicais do país. O alcance nem sempre transcende os limites de nossas fronteiras geográficas. Mesmo que tenhamos produção física, como CDs e DVDs, circulamos mais de forma virtual nas redes sociais otimizadas pela internet, que em lojas e rádios. Na rede social midiática, um exemplo positivo é o Coletivo CAOS, movimento fomentador da atitude BERA na cultura porto-velhense, que vem minando de esperanças as acontecimentos culturais da cidade, remoçando a ideia de regional na arte produzida em Porto Velho e no interior do Estado. Infelizmente os CD e DVD físicos são vendidos quase que exclusivamente em shows, não encontrando o espaço merecido nas lojas do ramo, e circulam de forma acanhada nas rádios e televisões locais. Essa atitude de mercado e de mídia reforça o desconhecimento por grande parte da população local e, por extensão, pelo resto do mundo, do que estamos produzindo.

Quando argumentamos que a globalização, na pós-modernidade, valoriza a história local, talvez, inadvertidamente, estejamos falando de um local nostálgico, de um regionalismo superado, pois, segundo Stuart Hall:

Este “local” não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais”. (2005, p. 78).

Neste sentido, pode ser que o regional (ou o “local”) esteja, por nós, sendo “confundido com velhas identidades firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas” e que não estejamos preparados para assumir as “novas identificações locais”. Produzimos música para nossa tribo, mas almejamos a aldeia global. Somos glocais. Isso vale para a literatura.

ii. A literatura feita Porto Velho

O conceito de literatura regional no Brasil teve seu auge na segunda fase do modernismo, com a geração de 30, ancorado à tendência temática e estilística que culminou no romance regionalista, também chamado de romance nordestino ou romance social. Essa tendência assim foi nomeada por tematizar os sertões brasileiros, focada na truculência dos coronéis fazendeiros e na desventura do povo sertanejo, valorizando a linguagem local, sendo seus autores, quase em sua totalidade, nordestinos.

Entretanto, de forma pouco criteriosa, o termo continua sendo usado para definir a produção literária periférica, distante das luzes globais, fazendo parecer que literatura regional é a marca da qual os autores desconhecidos nacionalmente, não conseguissem se desvencilhar. Às vezes nos perguntamos: será a literatura regional uma literatura que só é lida e linda em determinada região? Um traço telúrico que tão-somente anuncia e denuncia a relação do homem com o seu lugar?

As definições de literatura regional me parecem ainda presas ao tempo histórico-literário passado. Por isso mesmo, não acredito que exista mais uma literatura regional

nos termos em que é nostalgicamente personificada, mas uma literatura brasileira feita em diferentes regiões, assinalada por tons a um só tempo local e universal. Pensando assim, tomamos a liberdade de afunilar a questão para a literatura feita em Rondônia.

Em Porto Velho, a publicação, na década de 80, de vários livros de poesia e alguns de prosa que tematizaram, tal qual a música, a paisagem natural e humana da Amazônia, evidenciou a existência de um movimento literário de caráter regionalista. A esse movimento, pela nossa necessidade de cunhar uma identidade literária, denominou-se regional. Um livro despretensioso, *Papo de taberna*, coletânea que reunia os loucos e malditos de então, agenciou a mudança de ventos no nosso plano de voo literário. Outros tantos se juntaram a eles e assim começamos, ou reiniciamos nossa história bibliográfica.

Dois livros publicados em Porto Velho abordam a história em pauta. O primeiro deles se intitula *Síntese da literatura de Rondônia*, de autoria dos poetas Matias Mendes e Eunice Bueno, publicado em 1984, pela Gênese-Top. O segundo, *Literatura de Rondônia*, caderno cultural resultante de uma conferência proferida pelo também poeta Edson Jorge Badra, em 1987. Os dois livros tropeçam na mesma problemática: a escassez de estudos anteriores sobre a produção literária no estado, terminando por enfocar a produção literária de Guajará-Mirim e Porto Velho. Um terceiro livro, mais específico, intitulado *Olhares sobre a Amazônia*, organizado por Miguel Nenevé, Martin Cooper e Marilene Proença, publicado pela Editora Terceira Margem, São Paulo, em 2001, no qual Carlos Moreira e Rubens Vaz Cavalcante escreveram o ensaio “Olhar histórico-poético sobre Porto”, em que efetuam uma relação entre produção poética e história de Porto Velho.

Independente de estudos específicos sobre a literatura rondoniense é de conhecimento público que existe uma produção, embora dispersa, de obras poéticas e prosísticas. Essas produções, pelo caráter individualista da literatura local, não chegam a se configurar escola, indo da produção de literatura sobre Rondônia, situada no meado do século passado, como é o caso de *Desbravadores*, de Vitor Hugo e *A ferrovia do diabo*, de Manoel Rodrigues Ferreira, consideradas como literatura histórica e de fundação (revista criticamente em *Enganos da nossa história* (2007), do poeta e pesquisador Antônio Cândido da Silva), até a literatura multimodal, informatizada ou



não, que produzimos diariamente em *blogs*, *sites*, *e-mails*, torpedos, pichações, materializando algumas formas afinadas com os tempos de globalização e mundialização em que vivermos. Um exemplo é a revista litero-cultural *Expressões*, já em seu décimo número, que circula pelas esferas do *facebook*, do *twitter*, do *Orkut*, do *youtube* e pelas blogosferas das redes sociais informatizadas.

Os autores que compõem o nosso corpo literário, em razão do fluxo migratório para estas paragens, nas décadas de 1970 e 1980 e que continua em nossos dias, são em maior parte originários de outros estados. Portanto, autores locais são poucos. Somos menos autores “de” que autores “em”.

No tocante à temática regional, poucos são os autores que se voltam para os motivos rondonienses, mesmo porque nossas tradições, usos e costumes passaram por um processo de aculturação, reflexo dos repetidos êxodos, e de atualização, resultante da inserção digital do presente. Em Porto Velho, particularmente, restaram como tema a EFMM, as Três Marias, o rio Madeira e algumas poucas lendas a ele ligadas. A temática indígena, que poderia dar uma cor local ao nosso discurso, perdeu-se em meio ao burburinho urbano que trouxe novos mitos e lendas. Temos um livro que vai em busca de nossas origens mais primitivas e por isso mesmo não pode deixar de ser citado: é o *Juru, jurupá, jurupari*, do artista plástico porto-velhense Júlio Carvalho, publicado em 2001, pela Edufro, o qual resgata mitos indígenas e populares desta região. O livro é resultado de um projeto de recuperação do imaginário popular por meio da cultura e da história oral, desenvolvido junto à população rondoniense.

Muito embora produtivos, nunca tivemos autores nacionalmente reconhecido pela crítica ou pelos leitores brasileiros. A nossa linha evolutiva literária, em que figuram autores de diferentes tendências como Vespasiano Ramos, Bolívar Marcelino, Matias Mendes, Ary Tupinambá, Ailton Bahia, Kléo Marion, Eunice Bueno, Emanuel Pontes Pinto, só para citar os canônicos, não registra destaques locais na cena literária brasileira e nem na amazônica. Quando se fala de literatura amazônica, os nomes elencados: Inglês de Souza, Márcio Souza, Milton Hatoum, Benedito Monteiro, Thiago de Mello, entre outros, não pertencem ao nosso universo de autores.

A produção poética em Porto Velho, incentivada esporadicamente pelo poder público, mas garantida pela iniciativa particular de vários autores, tomou novo impulso.



A dificuldade se encontra na distribuição nacional das obras publicadas, que terminam circulando apenas em livrarias de Porto Velho e no corpo-a-corpo dos próprios autores.

Para ilustrar apresentamos alguns textos dos poetas publicados na coleção CacOS em 2003, pela Edufro, polêmica Editora da Universidade Federal de Rondônia. São eles: Carlos Moreira, Nilza Menezes, Mado, Pilah de Zayas Bernanos e Binho, autores dos livros *Evangelho segundo ninguém*, *Feitura*, *Das tripas ao marcapasso*, *A face do ocaso contínuo* e *Arabescos Aéreos*, respectivamente. Remeto-me também aos livros *O lado aberto*, de 2004, do poeta e professor Eduardo Martins, *A sobra das noites*, do poeta e jornalista Adaídes Batista (Dadá) e *Avenoitte & outros poemas*, do poeta e professor Carlos Reis.

Os poemas:

o rebanho enlouquecido
de palavras feito feras
arrebenta o mar do sono
apesar da tua cegueira
é azul branca vermelha
a falsa face do sol
mas perdoa tua estranha
fé no humano coração
viver é pura façanha
existir é tão estranho
quanto dizer sim ou não
(Carlos Moreira)

ao cair da tarde soletro versos
comovido na cidade visitada
abro meu coração dedicado
às garotas passeando
passando pedalando as bundas pelas celas
escorrendo olhares vejo velhos
passando o passado
em olhares nas pedras dos dominós
urubus passam saboreando o fim da tarde
o céu encoberto
encobertas as queimadas amazônicas
destruição explícita na boca do céu
(Mado)

quando criança ouvia
minha mãe dizendo
que o bicho homem era perigoso

ficava olhando as solteironas



Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea
O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais

com o corpo murcho e a pele seca
e o vestido triste
enquanto as amigas mais velhas
se casavam
e passavam a ter o direito
de conversarem com outras
mulheres cheias de segredos

as tias solteironas
ensinavam o catecismo
preferi o bicho homem
com medo de só murchar
e não poder ter segredos

(Pilar de Zayas Bernanos)
o vento suspira
as ramas se põem a chorar
só, a criança ri

breve crepúsculo
o fragor das andorinhas
roubam o silêncio
(Nilza Menezes)

épico epocal

helenas
penélope
palas
atena

minerva
calipso
ema

quem
bate
á
porta
neste
fim
de
poema
?
(Binho)

O lado aberto

O lado aberto te esconde
Em tua parte palavra
Neste lado quase ponte
Que se estende para o nada

Que quase mundo some
Do outro lado da fala
Para espelhar o indizível



Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea
O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais

Em outro espelho-muralha

Em teu silêncio-livro
O lado aberto se espalha
Em lados de mil ladrilhos
De sítios de mudas caras

Do seu espaço infinito
Em desenho que se cala
O lado aberto te esconde
Em lado que nunca fala.
(Eduardo Martins)

pontes

por trás do muro
uma ave frágil em minhas mãos pousou

diariamente
aprendo com a ave
sobre existência de pontes
além muros
(Carlos Reis)

O poema e a reprodução técnica

o poema imaginado é escrito
primeiro a lápis no caderno
depois de mostrado é revisto
sonha (ele próprio) com o eterno
visando seu sonho, sai buscando
alternando entre a ética e a estética
seu mundo é único? benjaminiano:
obra de arte e sua reprodução técnica

sim, é sempre com uma ajuda:
prato posto é levado à gráfica
nem sempre lapidado na luta
às vezes impressos sem a ordem plástica

prato repostado, está agora no livro
será comida, não posta em tigela
não terá morte, nem de faca, nem de tiro
estará nas mansões e também nas favelas
(Dada)

Como é possível intuir, mediante a leitura efetuada, não se pode afirmar que exista produção literária de cunho regionalista, pelo menos não na poesia. Autores novos e antigos estão produzindo uma literatura que aponta muito mais para o texto universalizante, no qual é possível observar traços tradicionais e de vanguardas, do que para uma temática local. É possível afirmar que uma literatura mais madura e



consistente começa a dar sinais de vida. Mas também uma literatura despretensiosa, jovem, criativa que nos certifica de uma continuidade evolutiva. Cabe a nós, leitores aprimorar nosso contato com essas obras e passar a abordá-las de modo prazeroso e crítico, lendo-as como literatura brasileira ou simplesmente como literatura. “O regionalismo está morto: viva o regionalismo!”.

Referências

- BADRA, Edson Jorge. **Literatura de Rondônia**, Porto Velho: Caderno cultural, 1987.
- BATISTA, Adaídes (Dadá) **A sobra das noites**. Porto Velho, 2004
- BINHO. **Arabescos Aéreos**. Porto Velho: Edufro, 2003.
- BUENO, Eunice e MENDES, Matias. **Síntese da literatura de Rondônia**. Porto Velho: Gênese-Top, 1984.
- CÂNDIDO, Antonio. **Enganos da nossa história**. Porto Velho: EDUFRO, 2007.
- FERREIRA, Manuel Rodrigues. **A ferrovia do diabo: história de uma estrada de ferro na Amazônia**. São Paulo. Melhoramentos, 1959.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª Ed. Rio de Janeiro, 2005.
- HUGO, Vitor. **Desbravadores**. 2ª. ed., 2 vols. Cia. Brasileira de Artes Gráficas. Rio de Janeiro, 1991.
- MARTINS, Eduardo. **O lado aberto**. Porto Velho: EDUFRO, 2004
- MIGNOLO, Walter. **Histórias locais, projetos globais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- MOREIRA, Carlos. **Evangelho segundo ninguém**, Porto Velho: Edufro, 2003
- MENEZES, Nilza. **Feitura**. Porto Velho: Edufro, 2003.
- MADO. **Das tripas ao marcapasso**. Porto Velho: Edufro, 2003.
- REIS, Carlos. **Avenite e Outros Poemas**. Rio de Janeiro: Blocos Editora, 2000.